



OS

CACA-

-MISTÉRIOS

O rubi no Planalto Central

© Luis Eduardo de Albuquerque Sá Matta, 2008

representado por AMS Agenciamento Artístico, Cultural e Literário Ltda.

EDITORA-CHEFE: Claudia Morales

EDITOR: Fabricio Waltrick

EDITORA ASSISTENTE: Malu Rangel

PREPARAÇÃO E REDAÇÃO: Estúdio da Carochinha

COORDENADORA DE REVISÃO: Ivany Picasso Batista

REVISORES: Alessandra Miranda de Sá, Maurício Katayama, Millyane Magna Moura

ARTE

DIAGRAMADORA: Thatiana Kalaes

PROJETO GRÁFICO: Mabuya Design

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: 13 arte design

PEQUISA ICONOGRÁFICA: Silvio Kligin (coord.), Jaime Yamane

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M385r

Matta, Luis Eduardo, 1974-

O rubi do Planalto Central / Luis Eduardo Matta ; ilustrações

Mauro Souza. - São Paulo : Ática, 2009.

128p. : il. - (Os Caça-Mistérios ; Olho no Lance)

Inclui apêndice

Anexo: Cartão decodificador

ISBN 978 85 08 12049-9

1. Novela infantojuvenil brasileira. I. Souza, Mauro. II. Título. III. Série.

08-4010.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 12049-9 (aluno)

ISBN 978 85 08 12050-5 (professor)

Código da obra CL 736368

2013

1ª edição

5ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2009

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



LUIS EDUARDO MATTA

**O RUBI DO
PLANALTO CENTRAL**

ILUSTRAÇÕES

MAURO SOUZA



editora ática

QUEM SÃO



Júlia

Nome completo:
Júlia de Castro
Álvares Cabral

Idade: 12

Uma qualidade: Sou muito determinada. Quando decido fazer uma coisa, faço mesmo e ninguém me segura.

Um defeito: Sou meio vaidosa. Ou melhor: sou vaidosa e meia. Tento disfarçar isso, mas nem sempre consigo. Aliás, quase nunca consigo. Nunca acho que estou suficientemente bonita e bem-vestida.

Meu passatempo favorito: Escolher roupas e acessórios para vestir e fazer combinações diferentes e originais entre eles. Às vezes me enrolo toda e fica parecendo que estou com uma fantasia de carnaval.

Meu maior sonho: Ser estilista ou produtora de moda. Adoro moda.

Um pouco da minha vida: Meus pais moram no interior, onde eu e meu irmão André nascemos. Quanto fiz oito anos, fui morar com minha avó, Olga, na cidade, para estudar. Meus pais vivem, até hoje, numa fazenda. Vou sempre visitá-los nas férias, mas fico logo doída para voltar, pois eu gosto mesmo é da cidade grande.



André

Nome completo:
André Luiz de Castro
Álvares Cabral

Idade: 11

Uma qualidade: Sou criativo (pelo menos é o que me dizem e eu acredito) e estou sempre procurando um *hobby* novo.

Um defeito: Não gosto de atividades físicas e me canso com facilidade. Também não sou lá muito corajoso.

Meu passatempo favorito: Varia muito. Depende do dia.

Meu maior sonho: Poder ficar um mês inteirinho deitado numa rede, sem fazer nada, só comendo coisas gostosas e lendo um livro bacana.

Um pouco da minha vida: Assim como minha irmã Júlia, me mudei para a casa da vovó Olga na cidade, para estudar. Nas férias costumo ir com a Júlia visitar meus pais na fazenda, onde eles moram. Lá aproveito para ler bastante. Adoro livros policiais e de suspense, e filmes de ação.

Uma qualidade: Me adapto a qualquer situação. Sou daquele tipo que “topa tudo” e de vez em quando acabo quebrando a cara por causa disso.

Um defeito: Às vezes sou um pouco debochado e ranzinza. Não liguem. No fundo, eu sou legal.

Meu passatempo favorito: Conversar com os meus amigos. O problema é que eu falo demais e a maioria dos meus amigos, de menos.

Meu maior sonho: Quando ficar mais velho, passar uns meses viajando pelos países árabes. Me acham maluco por querer isso, mas eu não estou nem aí.

Um pouco da minha vida: Nasci em Bagdá, capital do Iraque, e, quando minha mãe morreu, vim com meu pai, Mustafá, morar no Brasil. Eu era bem pequeno e acabei virando um menino de duas pátrias, o que é muito, mas muito bacana.



Rachid

Nome completo:

Rachid al-Majid

Idade: 12

Uma qualidade: Sou muito observadora.

Um defeito: Sou aventureira e, muitas vezes, não me dou conta dos perigos que me esperam.

Meu passatempo favorito: Desvendar mistérios.

Meu maior sonho: Conhecer pessoalmente o “Leão”, meu chefe, com quem só me comunico pelo computador. Até hoje não sei o seu nome e nem como é o seu rosto. Confesso que fico curiosa em saber como é o “Leão”. Mas é claro que eu nunca disse isso a ele.

Um pouco da minha vida: Sou descendente direta de Pedro Álvares Cabral, o navegador português que descobriu o Brasil. Trabalhei trinta anos para a Interpol, a Polícia Internacional. Me aposentei há três anos, mas continuo na ativa.



Dona Olga

Nome completo:

Olga Maria de Castro Álvares Cabral

Idade: 65



FIQUE LIGADO!

Um importante Marajá veio para o Brasil e foi vítima de um roubo: seu valioso rubi foi trocado por uma pedra falsa.

Prepare-se para participar de uma aventura cheia de ação e solucionar os enigmas junto com os Caça-Mistérios. No decorrer da história, vão aparecer perguntas que você deverá responder usando seu conhecimento, sua inteligência e sua intuição. Às vezes, as pistas estão nas ilustrações; outras vezes, você deve usar o raciocínio. E ainda há casos em que, para chegar às respostas, é preciso ter boa memória. Por isso, vale a pena ler o livro com atenção.

No envelope anexo à capa, você encontrará um decodificador. Você deve colocá-lo sobre o texto oculto na superfície vermelha da página para conseguir ler a resposta.



MAS ATENÇÃO! Primeiro tente responder só usando a cabeça, sem usar o decodificador. Depois de dar sua resposta, coloque o decodificador na superfície vermelha para conferir se acertou ou não. Se acertar, marque um ponto na sua Ficha de Detetive, que está na página 114.

Os Caça-Mistérios contam com a sua ajuda para resolver o mistério de *O rubi do Planalto Central*. Bom divertimento na leitura – e na resolução dos enigmas!

SUMÁRIO

1. Pânico no Itamaraty 11

2. O joalheiro com nome de árvore 23

3. Sorrisos falsos e talheres de ouro 30

*Alguém já viu
autoridade dar chlique?
Pois o Marajá é mestre
em rodar a baiana!*

4. O chlique do Marajá 37

**5. Um assessor
tresloucado** 45

6. A fúria da princesa 50

*Eu achei suspetíssima a
atitude da princesa. Não sou
uma das mais premiadas
agentes da Interpol à toa: nada
escapa ao meu olhar...*

7. Investigação pela noite 60



Muito sinistro esse passeio noturno. Eu estava morrendo de medo, mas não dei o braço a torcer...

8. O pássaro misterioso 65

9. Telefonema à meia-noite 71

10. A verdade sobre o Marajá 80

11. Quem esteve no banheiro? 88

12. Adrenalina no lago 95



Eu não conseguia me controlar: não parava de dar risadinhas e suspirar pelo JJ. Nem parecia que estávamos na maior perseguição de bandidos, digna de cinema...

13. A revelação 103

Curiosidades sobre Brasília e sobre a cultura indiana 117





PÂNICO NO ITAMARATY

Sentados no banco de trás de um imponente Mercedes-Benz preto, alugado por dona Olga, Júlia e Rachid olhavam intrigados para André, que, acomodado entre eles, estava totalmente concentrado nas músicas ressoando alto em seus fones de ouvido. Os olhos do garoto estavam cerrados e ele sorria, remexendo os ombros no ritmo da batida e emitindo, de vez em quando, umas sílabas que não faziam o menor sentido.

O carro seguia tranquilamente pelo extenso Eixo Rodoviário que corta o Plano Piloto de Brasília de norte a sul. Era uma noite fresca de fim de verão na capital federal. Sentada ao lado do motorista, dona Olga virou para trás e disse:

— Vocês já sabem, né?

Júlia soltou um suspiro impaciente.

— Já, vovó... *comportem-se* — alterou a voz, mal-humorada. — É a única coisa que você diz desde que a gente chegou em Brasília!

— É porque não vamos a uma festa qualquer, meu bem. É uma recepção de Estado a uma autoridade estrangeira. Um lugar para comer devagar, conversar baixo e, se possível, ouvir muito e falar pouco. É por isso, aliás, que temos duas orelhas e uma boca.

— Fala isso para o André — Rachid apontou para o garoto que sacolejava cada vez mais empolgado ao seu lado. — Aproveita enquanto ele ainda não está surdo.

Agora o Mercedes já avançava pela monumental Esplanada dos Ministérios, toda enfeitada e iluminada. Brasília ficava muito bonita du-

rante a noite. Eles passaram pelo Conjunto Cultural da República, formado por um museu e uma biblioteca, e depois pela famosa Catedral, uma construção que parecia um cone virado para baixo sem a ponta, rodeada por pilares curvos que davam a impressão de se abrir para o céu. Em seguida, veio a fileira de prédios retangulares de fachada esverdeada que abrigavam os diversos ministérios. Logo avistaram o prédio do Congresso Nacional, que reluzia em contraste com o céu escuro.

A área ainda estava decorada com flâmulas e bandeiras para saudar o Marajá de Jodaipur, Rajesh Mishra II, que, com sua comitiva, percorreu a Esplanada dos Ministérios até o Palácio do Planalto, na Praça dos Três Poderes, onde havia sido recebido pelo presidente brasileiro e seus ministros, pela manhã. O Marajá ficaria três dias no Brasil e durante sua visita aconteceriam vários eventos culturais, como a apresentação de uma companhia de dança indiana no Teatro Nacional e uma exposição de fotos de Jodaipur no Salão Negro do Congresso Nacional.

Quem viu o cortejo real jamais vai esquecer: elefantes enfeitados com mantas de seda bordadas a ouro abriam caminho para quatro carruagens douradas, puxadas por cavalos majestosos, das quais a família real e sua comitiva acenavam para a multidão.

Dona Olga ia explicando:

— As carruagens, os cavalos e os elefantes pertencem ao Marajá e chegaram ao Brasil de navio há vinte dias, no porto do Rio. Vieram até Brasília em caminhões com escolta policial.

— Que exagero... — admirou-se Rachid. — Por que o Marajá não usa um carro como todo mundo? Pra que trazer elefantes?

— Acho que é uma tradição na Índia, não é? — comentou Júlia, abrindo a bolsinha bordada que trazia a tiracolo e pegando um batom e um espelhinho. — Eu acho superoriginal. E chique. Chi-que-ré-si-mo!

— Chique? — Rachid encarou-a indignado. — Você quer dizer chiqueiro, né? Já imaginou o tanto de cocô que faz um elefante?

— Ai, que nojo, Rachid! — Júlia quase que deixa o batom borrar. — Por que você não fala sobre esses assuntos agradáveis com o André?

Rachid deu de ombros e começou a implicar com o amigo. Mexia os lábios, sem emitir nenhum som, como se estivesse fazendo uma